

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Destaques	2
Título: Preço do barril dá sinal de recuperação	3
Título: Consumo de gás pode retrain 10% em 2020.....	6
Título: Curtas	7
Título: Detentores de bonds executam dívida do Grupo Virgulino	8
VEÍCULO: O Globo.....	9
Título: Plataformas da PB vão a pregão amanhã	9

VEÍCULO: Valor Econômico**Data:** 08/06/2020**Seção:** Empresas**Autor:****Título:** Destaques

Vale para minas de ferro

A Vale informou, no sábado à noite, que desde sexta-feira adotou medidas de suspensão das operações de mineração de ferro no chamado Complexo de Itabira - minas de Conceição, Cauê e Periquito - localizadas no município de Itabira (MG). A empresa declarou que acatou decisão do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região, restabelecendo efeitos de Termo de Interdição emitido pela Subsecretaria de Inspeção do Trabalho, em Minas Gerais. A determinação vai vigor até o julgamento do mérito da ação ou até que sejam implementadas as medidas de controle para proteção à pandemia de covid-19 determinadas pelos auditores fiscais do trabalho. A Vale está sujeita a multa diária de R\$ 500 mil. Segundo a empresa, a paralisação das atividades em Itabira segue todos os critérios técnicos e protocolos de segurança, para proteger a saúde dos trabalhadores e que vem realizando uma série de ações para prevenir e mitigar os efeitos da covid-19, como testagem em massa.

Vale mantém projeções

Segundo informou a Vale no comunicado, sua projeção de volume de produção de minério de ferro para este ano, entre 310 milhões e 330 milhões de toneladas, já considera impacto negativo de 15 milhões de toneladas em decorrência da covid-19. Assim, considerando volume mensal previsto de 2,7 milhões de toneladas do Complexo de Itabira no próximos meses, diz que o provisionamento de até 15 milhões de toneladas de perdas por causa da pandemia, neste ano, não requer, no momento, revisão do "guidance". No entanto, a Vale afirma que poderá haver desabastecimento temporário de pelotas (minério aglomerado) para o mercado interno com a paralisação de Itabira, uma vez que o complexo fornece "pellet feed" (minério superfino) para as pelotizadoras do complexo de Tubarão, localizado em Vitória (ES).

Acordo do petróleo

A Opep e os países aliados concordaram neste sábado em estender um corte de produção de quase 10 milhões de barris de petróleo por dia até o final de julho,

cerca de 10% da oferta global. A ideia é incentivar a estabilidade nos mercados de energia, afetados pela crise causada pela pandemia de covid-19. Ministros do cartel e de nações externas lideradas pela Rússia se reuniram em videoconferência no sábado para reduzir o excesso de produção. Nigéria e Iraque, que em maio cortaram a oferta em apenas 50% de seus compromissos, também compensarão com cortes mais profundos nos próximos três meses. A Opep tem 13 estados membros e é amplamente dominada pela Arábia Saudita, rica em petróleo. Os países adicionais envolvidos no chamado acordo Opep+ foram liderados pela Rússia.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 08/06/2020

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Carro e André Ramalho — Rio

Título: Preço do barril dá sinal de recuperação

Após atingir o fundo do poço em abril, a demanda por petróleo deu sinais de recuperação em maio e deve continuar a subir mês a mês daqui para frente. Os patamares de consumo, no entanto, tendem a se manter abaixo dos níveis pré-crise ainda por um tempo e impedir uma retomada mais sustentável da cotação do barril.

Estudo da consultoria Accenture destaca que a crise atual reflete uma combinação inédita de fatores - choques simultâneos pelos lados da procura e oferta - e que o volume consumido diariamente ficará entre oito milhões e 18 milhões de barris abaixo de 2019. Na prática, isso significaria um corte de até um quinto na demanda mundial, frente ao ano passado.

A expectativa é que esse encolhimento do consumo limite a recuperação dos preços, apesar da alta acumulada de 67,4% do valor do barril do tipo Brent (primeiro contrato) desde o início de maio. Em meio a sinais de flexibilização das medidas de isolamento social ao redor do mundo, a commodity recuperou parte da desvalorização dos últimos meses e voltou a superar a casa dos US\$ 40 o barril, depois de três meses.

Nos últimos 40 anos, o setor de óleo e gás foi atingido por mais de 12 choques, tanto na oferta quanto na demanda

Na sexta-feira, o contrato para agosto fechou com alta de 5,7%, cotado a US\$ 42,3 o barril, em meio a notícias de que a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) e a Rússia concordaram em prorrogar os cortes vigentes de produção.

Na avaliação da Bain & Company, a atual crise do setor deve estabelecer um novo patamar de preços, mais baixos, em relação aos patamares pré-crise. O sócio da consultoria, José de Sá, explica que choques do petróleo ocasionados por questões geopolíticas (como a Guerra do Golfo de 1991 e o ataque terrorista aos EUA, em 2001) ou por recessões econômicas (como a crise asiática de 1998 e a dos subprimes, de 2008) costumam recuperar os patamares de preços anteriores. O choque atual, no entanto, segundo ele, se assemelha mais às crises de 1986 e 2015.

Ambos os casos, lembra o consultor, provocaram mudanças estruturais na indústria. Foi assim quando a Arábia Saudita, em 1986, abandonou o papel de “swing producer” - o produtor responsável por amortecer desequilíbrios entre oferta e demanda. E foi assim também quando a Opep, em 2015, decidiu não equilibrar a nova oferta vinda da produção do shale nos Estados Unidos, provocando a queda dos preços do petróleo.

Esse tipo de crise costuma, na análise da Bain & Company, gerar quedas profundas nos preços, seguidas pela fixação de um novo equilíbrio de mercado ao fim do choque de preços. “Essa atual crise se parece assim [uma crise estrutural]. Podemos não retornar aos preços originais do petróleo que tínhamos antes da crise”, afirma Sá.

A Accenture destaca que a demanda global por petróleo deve cair em 2020, pela primeira vez, desde 2009, quando a economia mundial ainda sofria os impactos da crise financeira originada a partir do mercado imobiliário americano. O consumo, no ano passado, foi de 100,74 milhões de barris por dia, em média, o que equivale a mais 0,8% em relação a 2018.

Nas últimas quatro décadas, a indústria de óleo e gás foi atingida por mais de uma dúzia de choques, tanto pelo lado da oferta como pelo da demanda. A diferença é que desta vez - segundo a Accenture - os efeitos negativos da covid-19 sobre a demanda por petróleo devem coincidir com um incremento na oferta pela Opep+ (a Organização dos Países Exportadores de Petróleo e seus aliados) e, marginalmente, pela América do Norte. O excesso de oferta no mundo vai ficar entre 4 milhões e 8,8 milhões de barris de petróleo por dia, conforme indica o estudo assinado por Muqsit Ashraf, Manas Satapathy e Vivek Chidambaram.

“Tudo indica que o pior [da crise] já passou”, diz Edson Bouer, diretor executivo da área de Energia da Accenture. “Mas seria demais afirmar isso peremptoriamente”, acrescenta. No contexto atual, as principais variáveis são a curva de expansão da covid-19 e as negociações envolvendo a Arábia Saudita.

A Rystad Energy acredita que a demanda por petróleo atingiu o seu fundo do poço em abril, mas que deve subir mês a mês daqui para frente, embora os patamares de consumo tendam a se manter abaixo dos níveis pré-crise ainda por um tempo.

A previsão da consultoria é que a demanda pela commodity cairá 11,5% em 2020, ante volume do ano passado, o equivalente a um corte de 11,4 milhões de barris ao dia no mercado, para 88,1 milhões de barris. Para 2021, a projeção é que o consumo fique em torno de 96,3 milhões de barris ao dia, o que representaria uma alta de 9,3% frente a 2020, mas ainda 3,2% abaixo dos patamares de 2019, nas contas da consultoria.

A Rystad estima que a demanda caiu 20,5% em maio, ante igual mês do ano passado. Para junho, a previsão é que a queda seja menor, de 14,5%, na comparação anual.

Como resultado da crise atual, Bouer - da Accenture - acredita que as companhias de óleo e gás terão de privilegiar projetos capazes de entregar o máximo de rentabilidade e liquidez, de forma a evitar o estrangulamento do seu fluxo de caixa.

Apesar dos prognósticos desfavoráveis para o ano, a exportação petróleo pela Petrobras bateu recorde em abril. Impulsionadas pela demanda da China e dos Estados Unidos, as vendas externas da companhia somaram 30,4 milhões de barris no mês. O total equivale a aproximadamente um milhão de barris exportados por dia. O recorde anterior havia sido estabelecido em dezembro, quando foi atingida a marca de 771 mil barris por dia.

A alta produtividade dos campos petrolíferos situados na região do pré-sal - principalmente os de Lula e Búzios - se refletiu positivamente no desempenho do Estado do Rio de Janeiro, destaca Joilson de Assis Cabral, professor do Programa de Pós-Graduação em Economia Regional e Desenvolvimento, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Em abril, a produção fluminense de óleo e gás - medida em barris de óleo equivalente (BOE) por dia - aumentou 4,79% em relação ao mês imediatamente anterior. Já em nível nacional, a produção permaneceu estável em abril. Barril de óleo equivalente é uma unidade usada para converter um volume de gás natural em um volume de óleo.

No acumulado de janeiro a abril, a produção de óleo e gás no Estado do Rio somou 11,47 milhões de BOE por dia, o que representa um incremento de 26,81% frente aos quatro primeiros meses de 2019. No plano nacional, a expansão no período foi mais modesta: 16,80%.

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 08/06/2020****Seção: Empresas****Autor: Letícia Fucuchima — De São Paulo****Título: Consumo de gás pode retrair 10% em 2020**

O mercado brasileiro de gás natural deve sofrer uma queda de até 10% em 2020, puxada pela retração das demandas industrial e do setor elétrico, responsáveis por quase 90% do consumo nacional do produto. A estimativa é da consultoria Roland Berger, que fez um estudo mapeando os desafios que a crise da covid-19 impôs à agenda de abertura do mercado de gás e também as oportunidades que surgiram com o novo panorama.

O principal baque vem da geração termelétrica, que pode reduzir seu consumo de gás em 19% neste ano, segundo as projeções. O acionamento das usinas termelétricas caiu nos últimos meses devido à combinação de forte contração do consumo de eletricidade e de uma hidrologia favorável. Desde o início do período de isolamento social no país, as termelétricas experimentam uma redução média de cerca de 22,5% nos volumes produzidos, aponta a consultoria.

Já para a demanda de gás “não elétrica” (industrial, comercial, automotivo e residencial), espera-se contração de 3,9% em 2020.

A redução do mercado no curto prazo é um dos fatores que podem atrapalhar o andamento da agenda do gás natural, mas não é o único. Todos os elementos considerados essenciais para destravar a demanda reprimida do produto no país - aumento da oferta, redução da participação dominante da Petrobras na cadeia e a expansão da infraestrutura - devem sofrer com a crise.

Do lado da produção, a queda de receita e a pressão por caixa já têm feito com que as companhias reduzam investimentos em exploração e produção (E&P). Além disso, a suspensão temporária dos leilões da ANP adia a entrada de novos agentes produtores. Já em transporte e distribuição, também se espera que as empresas tenham dificuldade para ampliar investimentos na expansão das malhas. Todo esse cenário deve ainda atrasar a contratação de capacidade no gasoduto Bolívia-Brasil (Gasbol).

“Mas no médio prazo, o ambiente continua bastante favorável para que essa agenda prospere”, destaca Daniel Martins, um dos responsáveis pelo estudo da

Roland Berger. “As produtoras vão precisar ter retorno em portfólio e olharão para outras oportunidades além do petróleo; o BNDES vai tentar resolver, junto com o governo, o problema da infraestrutura; e a Petrobras já anunciou plano de desinvestimento das transportadoras, distribuidoras e termelétricas”.

Na ponta do consumo, o especialista acrescenta que a geração termelétrica continuará necessária para garantir a segurança do sistema elétrico brasileiro, sobretudo com o avanço das fontes de energia intermitentes na matriz.

Lançado há cerca de um ano pelo governo federal, o programa Novo Mercado de Gás ainda não se materializou no “choque de energia barata” à indústria. Para dar fôlego a essa agenda e colocá-la no centro da retomada econômica pós-covid, o BNDES foi recentemente alçado ao papel de articulador entre os agentes da iniciativa privada. A ideia é que, até julho, a instituição apresente um plano de ação para destravar o mercado de gás.

Na visão do sócio da Roland Berger, Jorge Pereira, o governo demonstra saber da importância do setor para o país, mas precisa concentrar esforços nas frentes de estabilização regulatória e de redução dos riscos ao investidor. “A atuação do BNDES como um articulador desse mercado é condição necessária, mas não suficiente”. Pereira observa que só a União tem capacidade para comandar os principais passos da agenda do gás e para ditar os rumos da política econômica e cambial. “Hoje, a percepção da situação do Brasil por parte dos investidores é de uma insegurança muito grande”.

“O futuro vai ser diferente, mas não necessariamente ruim. Surgiram novas oportunidades: recomposição de portfólio, maior eficiência no setor extrativo, desenvolvimento da cogeração, integração na cadeia. Mas os agentes têm que se preparar para isso”, afirma Pereira.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 08/06/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: Curtas

Perdas das distribuidoras

A perda às distribuidoras de energia elétrica com o aumento da inadimplência por parte dos consumidores pode chegar a R\$ 8,7 bilhões até dezembro,

segundo projeções da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Já a perda de mercado, outro problema que a crise atual impôs ao segmento de distribuição, pode chegar a 11,4% até o fim do ano, o que geraria uma perda de R\$ 4,8 bilhões, calcula a Aneel.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 08/06/2020

Seção: Agronegócios

Autor: Camila Souza Ramos — De São Paulo

Título: Detentores de bonds executam dívida do Grupo Virgulino

Os detentores de US\$ 750 milhões em bonds do Grupo Virgulino de Oliveira (GVO), tradicional companhia sucroalcooleira do interior paulista, iniciaram um processo de execução de seus títulos após calote da companhia, conforme apurou o **Valor**.

A decisão dos bondholders deve precipitar um pedido de recuperação judicial pela GVO. Existe a possibilidade de que a execução acabe bloqueando as receitas com exportação de açúcar pela Justiça americana, que regula a emissão dos bonds. O **Valor** não conseguiu contato com um porta-voz da empresa até o fechamento desta edição.

O Grupo Virgulino de Oliveira, que possui três usinas com capacidade de processar até 12 milhões de toneladas de cana por safra e faturamento de pouco menos de R\$ 500 milhões, arrasta-se em uma crise financeira há pelo menos quatro anos e não pagou nenhuma parcela dos juros e do principal aos detentores dos três bonds emitidos nos últimos anos.

Os detentores dos bonds possuem poucos ativos em garantia. Eles reclamam que a GVO deveria tê-los registrado como beneficiários de alienação fiduciária dos precatórios aos quais a companhia têm direito, relativos às ações de controle de preço do Instituto do Açúcar e Alcool (IAA). A ação é conduzida pela Copersucar e a GVO, como ex-associado, é uma das beneficiárias.

A GVO tem R\$ 800 milhões em precatórios incontroversos a receber pelas ações e mais R\$ 200 milhões que ainda dependem de decisão judicial e que podem entrar nessa conta. Até o momento, a companhia recebeu R\$ 60 milhões em precatórios.

No entanto, a GVO deu 100% de seus direitos sobre precatórios em alienação fiduciária para outro credor, o fundo Amerra, como forma de acertar um acordo extrajudicial firmado no ano passado. O fundo americano havia pedido a execução de garantias na Justiça após levar calote por empréstimos anteriores.

Esses precatórios também são reivindicados por credores trabalhistas da companhia e pela União por causa de tributos não pagos.

Dos três bonds detidos pelos credores internacionais, apenas um, de US\$ 150 milhões, tem garantia - um terreno de uma das usinas. Porém, segundo apurou o **Valor**, um erro no registro da garantia tornou o direito incerto.

Diante das dificuldades financeiras dos últimos anos, a GVO perdeu vários fornecedores para concorrentes regionais, sobretudo para a gigante chinesa Cofco, que possui usinas próximas. Estima-se no mercado que a moagem do grupo paulista esteja abaixo da metade de sua capacidade.

VEÍCULO: O Globo

Data: 08/06/2020

Seção: Economia

Autor:

Título: Plataformas da PB vão a pregão amanhã

A agenda tem ainda veículos multimarcas, empilhadeiras elétricas, equipamentos eletrônicos e móveis corporativos

Três plataformas de petróleo da Petrobras (P-7, P-12, P-15), que operavam na Bacia de Campos, irão a leilão eletrônico amanhã, às 10h, pelo martelo de João Emílio. A autorização foi publicada em 25/05 no DOU. A plataforma P-7 operava em lâmina d'água de 210 metros, nos campos de Bicudo, Pampo e Enchova Oeste. A P-12, nos campos do Badejo, Linguado e Trilha, com lâmina d'água de 100 metros. E a P-15, nos campos de Bonito, Marimba e Piraúna, em lâmina d'água de 243 metros.

Para participar do pregão, os interessados devem se registrar no site do leiloeiro. O edital e os adendos estão disponíveis no Canal de Negócios da Petrobras ([https:// petrobras.com .br/pt/canais-de-negocios](https://petrobras.com.br/pt/canais-de-negocios)) e no site do leiloeiro. Dúvidas devem ser enviadas para a Comissão de Alienação, pelo e-mail: alienacao.p7.p12.p15@petrobras.com.br, em até dez dias antes da data prevista para sua realização.

Ainda amanhã, às 14h, Murilo Chaves oferta, online e presencial, duas empilhadeiras elétricas e grande quantidade de laptops, desktops e periféricos, além de telefones celulares e demais materiais. Na quarta, às 14h, Rogério Menezes estará à frente do pregão de mais de 120 veículos multimarcas de bancos e financeiras. As visitas podem ser feitas no mesmo dia a partir das 8h.

Na sexta-feira, João Emílio volta a comandar dois pregões, às 11h e 12h, ofertando online equipamento RX portátil, embarcação “Pietra”, mobiliário, cadeiras, arquivo deslizante, divisórias, fragmentadora, impressora, refrigerador, rack, capotas para saveiro, rolamentos, TV, ar condicionado, lavatórios para salão de beleza, peças para empilhadeiras e roupas femininas, pneus sem uso; além de veículos, motos, pickups, caminhões e ônibus. Os bens podem ser visitados amanhã, das 8h30h às 11h30.

MME / ASCOM .